

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Isabela dos Reis Moraes

**“Várias cabeças pensantes”: percepções a respeito da docência  
compartilhada no PIBID-EJA e suas contribuições para a formação  
docente**

Porto Alegre

1º semestre

2017

Isabela dos Reis Moraes

**“Várias cabeças pensantes”: percepções a respeito da docência  
compartilhada no PIBID-EJA e suas contribuições para a formação  
docente**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera

Porto Alegre

1º semestre

2017

## Agradecimentos

É inviável chegar a esta etapa da minha vida e da minha formação sem contar com o apoio de pessoas muito queridas, que sempre estiveram dispostas a me ajudar. Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, por sempre acreditarem em mim, por investirem na minha educação, por não medirem esforços para me ver feliz e por me acolherem e ajudarem nos momentos que mais precisei. Amo vocês demais!

Ao meu pai, que sempre ficou do meu lado e me apoiou, que me entende como ninguém, que está sempre disposto a me ajudar em qualquer coisa, a qualquer momento, desde conselhos amorosos até partilhar madrugadas estudando comigo. À minha mãe que apoiou desde o início a escolha da minha profissão e, nos momentos de dificuldade, me fez perceber o quão gratificante é a docência, e não me deixou desistir. À minha irmã que, por mais impaciente que possa ser, teve paciência comigo quando pedia para diminuir o volume e parar de cantar para que eu conseguisse me concentrar, além de me levar para jantar e distrair minha cabeça nos momentos que eu necessitava. À minha vó Glaci, minha vóvi do coração, que me deu os melhores conselhos, que sempre soube me acolher quando eu precisava e que é a melhor vó do mundo!

Gostaria, também, de agradecer meus amigos de Viamão, que me auxiliaram nessa etapa do trabalho de conclusão de curso me dando forças e torcendo por mim, e me fazendo relaxar, distrair e descontrair um pouco, sempre me proporcionando momentos de diversão e boas risadas. Vocês são os melhores amigos que alguém poderia querer.

Às minhas melhores amigas, Laura e Luciana, que me apoiaram nessa fase, me desejaram muita força e sempre acreditaram em mim e no meu potencial. Ambas adoram astrologia, então sempre me diziam que eu era exigente comigo mesma, por ser uma característica do meu signo. Tenho uma dificuldade em enxergar, de início, qualidade nas coisas que eu faço, e elas sempre me fizeram perceber meu potencial. Amo vocês!

Ao meu amor, que entrou na minha vida no momento que eu mais precisava, e hoje está há um ano ao meu lado. Ele viveu bem de perto esta

etapa da minha vida, compartilhando-a comigo praticamente todos os dias. Me aguentou nos momentos de insegurança, me apoiando e me dizendo o quanto eu era boa e que tudo iria dar certo, mesmo que achei que não fosse conseguir realizar este trabalho.

Ter pessoas que acreditam em você até quando você mesmo não acredita, não tem preço.

Quero agradecer também à família incrível que tenho. Minhas tias, dindos e primos, em que a maioria está espalhada pelo mundo. Diego, Fanny e Adriano, por me proporcionarem a melhor viagem da minha vida (2011), que tive a oportunidade de conhecer Paris (onde Diego e Fanny estavam morando), Londres e Escócia (onde Adriano estava morando). Ao Fabiano, por me receber em sua casa em Santa Catarina nos verões e me dar a feliz oportunidade de brincar com meu priminho Ian. André e Luciano, que moram em São Paulo, mas que são muito queridos, e mal posso esperar para voltar a vê-los. Rodrigo, Rosangela e Alice, meus priminhos que moram na mesma cidade que eu, que admiro demais sua relação e sua família, além de adorá-los muito! Minha tia Solange, que sempre me proporciona conversas extensas e significativas, além de ser extremamente engraçada. Tia Heliara, Eracy, tia Tais e Jéssica, que são uns amores comigo, além de, também, muito engraçados. Amo nossa família e mal posso esperar para reuní-la novamente. Não sei o que eu seria sem vocês.

Não posso esquecer de todos os meus amigos e amigas, principalmente minhas colegas do colégio, Laura Bola, Duda, Alice e Laura, que apesar da distância, sempre estarão no meu coração. Obrigada pelos nossos reencontros nesse semestre, e por sempre me desejarem o melhor! Saudades de vocês!

Impossível não falar da minha incrível orientadora, Aline. Foi graças a ela que me interessei pela EJA e que me despertou o desejo de realizar este trabalho sobre a docência compartilhada. A admiro muito por ser uma educadora extremamente competente, inteligente, divertida, com um ótimo senso de humor e que realmente se importa com seus educandos. Não consigo pensar em alguém melhor para me orientar. Obrigada pela paciência e por me acalmar nos momentos de desespero!

Sem estas pessoas presentes na minha vida, não seria o que sou hoje.  
Só tenho a agradecê-las por fazerem parte da minha vida e por sempre  
torcerem por mim! Amo todos vocês!

## Resumo

Este trabalho de conclusão aborda a docência compartilhada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objetivo central é analisar como a docência compartilhada contribui para a formação docente de estudantes de Pedagogia, a partir da experiência do PIBID-EJA. Os escritos de Traversini (2010; 2012), Machado (2013) e Montemezzo (2014) deram suporte teórico a este trabalho. No âmbito metodológico, esta pesquisa é de abordagem qualitativa, com realização de quatro entrevistas com integrantes e egressos do PIBID-EJA. Para análise dos dados, foram organizadas cinco categorias – Percepções sobre a docência compartilhada; (In)segurança na prática pedagógica; Planejamento compartilhado; Diálogo e atenção especial ao educando. Por meio dos depoimentos de integrantes e egressos do PIBID-EJA, percebe-se que a docência compartilhada é uma proposta pertinente e significativa para a formação docente, pois possibilita a troca de conhecimentos e vivências através do diálogo horizontal, qualificando e enriquecendo a prática pedagógica de estudantes de Pedagogia e contribuindo para novas formas de organização pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Docência Compartilhada, PIBID, EJA

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DC – Docência Compartilhada

EJA – Educação de Jovens e Adultos

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PIBID-EJA – Subprojeto Pedagogia, Modalidade EJA, do PIBID na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FACED – Faculdade de Educação da UFRGS

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 <i>Entendendo a docência compartilhada</i> .....	11
2.2 <i>O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)</i> .....	13
2.3 <i>A docência compartilhada no PIBID-EJA</i> .....	14
3 METODOLOGIA.....	18
4 ANÁLISES DOS DADOS.....	24
4.1 – <i>Percepções sobre a Docência Compartilhada</i> .....	24
4.1.1 <i>As trocas, a ajuda, a colaboração e o aprimoramento docente</i> .....	24
4.1.2 <i>Desafios da docência compartilhada</i> .....	27
4.2 – <i>(In)segurança: encarando a sala de aula</i> .....	31
4.3 – <i>“Cinco cabeças pensam melhor que uma”: o planejamento</i> .....	32
4.4 – <i>Diálogo</i> .....	37
4.5 – <i>Atenção especial: muito mais próximo do educando</i> .....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICES.....	51

## 1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso<sup>1</sup> pretende buscar e analisar as contribuições da docência compartilhada para a formação docente de estudantes do Curso de Pedagogia da UFRGS<sup>2</sup>, a partir da experiência do PIBID-EJA<sup>3</sup>. Para ilustrar o motivo da escolha deste tema, volto à minha trajetória que me fez escolher o curso de Pedagogia. Sou filha de professora de Educação Infantil e sobrinha de três pedagogas que foram proprietárias de escola. Desde pequena, adorava voltar das minhas aulas e brincar de professora, ensinando para minha irmã mais nova tudo que eu havia aprendido.

Durante o Ensino Fundamental, me passaram outras ideias quanto a minha futura profissão: fotógrafa, chefe de cozinha, psicóloga. Contudo, nunca deixei de lado o desejo de ser professora. Via minha mãe falando sobre seus alunos, sobre o quanto amava sua profissão e o quão feliz ela era por ter escolhido a docência. No Ensino Médio, muitos professores e colegas meus me desencorajaram, dizendo que os professores trabalhavam demais, ganhavam muito pouco, que não valia a pena, que eu iria “passar fome” e ser infeliz. Minha mãe e meu pai, porém, sempre me encorajaram a seguir esta profissão. No momento do vestibular, não pensei duas vezes: Pedagogia! Entrei no Curso, na UFRGS, no primeiro semestre de 2013.

Ao longo da faculdade, tive muitas dúvidas sobre minha escolha, por estar insegura de mim mesma e por pensar que talvez eu não fosse capaz, mas logo quando comecei a trabalhar, já vi o oposto: eu adorava estar na escola e junto aos educandos. Trabalhei em duas escolas particulares de Educação Infantil, antes de ser bolsista.

---

1 A expressão “Várias cabeças pensantes”, que deu origem ao título deste trabalho, foi dita durante uma das entrevistas e se refere ao fato de que, na docência compartilhada no PIBID-EJA, há mais de uma pessoa pensando e contribuindo com as aulas: cinco bolsistas que realizam um planejamento em conjunto e os educandos, que também participam deste processo escolhendo e sugerindo temáticas a serem abordadas.

2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul

3 Trata-se do Subprojeto Pedagogia, modalidade EJA, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em abril de 2015, surgiu a oportunidade de ingressar no PIBID-EJA. Nunca havia pensando em atuar na Educação de Jovens e Adultos, porém já havia escutado de outras professoras que era maravilhoso, apaixonante e que, depois, eu não iria querer trabalhar com outra modalidade. Resolvi aceitar o desafio.

Assim que entrei, a questão da docência compartilhada já me chamou a atenção. Conheci minhas colegas bolsistas que compartilhariam a docência comigo. Por elas já estarem há mais tempo no PIBID-EJA, nas duas primeiras aulas eu fiquei mais quieta, observando e auxiliando os educandos individualmente. Até que, a partir da terceira aula, já me sentia confiante com minhas colegas bolsistas e como docente. Como eu estava muito tímida e insegura, me sentia melhor tendo colegas para compartilhar a docência comigo.

No sexto semestre do curso de Pedagogia, na disciplina “Seminário de docência: saberes e constituição da docência – 6 a 10 anos ou EJA”, há a opção de realizar a prática pedagógica em docência compartilhada e assim o fiz. Compartilhei com uma colega mais próxima e me apaixonei ainda mais por escolher esta opção. A prática (que durou cinco dias) transcorreu muito bem. A experiência de compartilhar a docência com colegas do PIBID-EJA que eu não conhecia até então, já era positiva, mas partilhá-la com uma pessoa próxima, foi melhor ainda.

Ao chegar ao estágio obrigatório do sétimo semestre do curso, estava em dúvida entre a Educação Infantil e a Educação de Jovens e Adultos. Como eu já tinha experiência prática com a EJA, optei pela Educação Infantil, que também gosto bastante. O estágio foi realizado em uma escola particular localizada na zona sul de Porto Alegre. Até então, eu ainda não havia escolhido o assunto que desenvolveria em meu trabalho de conclusão e o estágio foi o que me fez “despertar”, ainda mais, a vontade de escolher esse tema, para além da experiência com o PIBID-EJA.

Durante o estágio obrigatório, percebo que as orientações não foram suficientes, o que me deixou um pouco insegura em relação à minha prática. A professora titular da turma em que eu estava estagiando foi bastante acolhedora às propostas e contribuiu muito, durante este período. Tínhamos uma reunião semanal para fazermos o planejamento juntas. Eu levava livros e

compartilhava as minhas ideias. Ela também. Com isto íamos dialogando, trocando ideias e pensando no que fazer, no que seria melhor para as crianças. Muitas vezes, as ideias que eu levava uniam-se às sugestões dela – e vice versa –, realizando um trabalho conjunto.

Além disso, durante as aulas, a docência compartilhada junto à professora titular contribuiu para o andamento e acolhimento da turma. Um aspecto do cotidiano da escola exemplifica este fato: como a sala tinha uma mesa muito pequena, quando havia alguma atividade para fazer, tínhamos que separar a turma em dois grupos: enquanto um grupo ficava na mesa fazendo uma atividade comigo, o outro ficava no tapete fazendo outra atividade com a professora titular, sendo possível, assim, acolher e “atender” melhor todos da turma.

Alguns aspectos que me chamaram a atenção em relação à DC<sup>4</sup>, naquele momento: **ceder**, deixando de lado as ideias próprias e acatar a ideia de outro para pensar em algo que seja melhor para a turma; **trocar** experiências e saberes; **manter um diálogo** diário entre as docentes; e **partilhar** com alguém que tem pensamentos e ações diferentes das tuas. Além destes há outros, que fizeram com que eu me interessasse cada vez mais pelo assunto, os quais fazem parte deste estudo.

Mesmo com todos os desafios que podem surgir, a DC que realizei no PIBID-EJA e no estágio obrigatório, me fez crescer e amadurecer profissionalmente. Foi muito bom vivenciar esta experiência com pessoas que eu ainda não conhecia, as quais tive a oportunidade de trocar e dialogar.

A docência compartilhada, portanto, foi o tema escolhido para o presente trabalho. Pretendemos pesquisar e compreender suas contribuições para a formação docente, no que se refere aos estudantes do curso de Pedagogia da UFRGS que atuam ou atuaram no PIBID-EJA. Sendo assim, a docência compartilhada, o PIBID e as contribuições Freireanas sobre o diálogo comporão este trabalho, abordando, também, o que autores como Traversini (2010; 2012), Machado (2013) e Montemezzo (2014) apresentam sobre estes conceitos.

---

4 Docência Compartilhada

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Entendendo a docência compartilhada

A docência compartilhada é uma proposta de trabalho em que dois ou mais professores atuam em uma mesma sala de aula conjuntamente. Na literatura, há autores que tratam a docência compartilhada como um tema importante para o campo da Educação. Traversini (2010; 2012) aborda esse tema, a partir de propostas para a inclusão de pessoas com deficiência. Machado (2013) e Montemezzo (2014) o abordam, relacionando-o com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

De acordo com Traversini e Freitas (2010, p. 18) e como referimos, a docência compartilhada “consiste em uma ação docente compartilhada entre dois professores em sala de aula e inclui um planejamento também compartilhado”. Logo, pode-se dizer que docência compartilhada é o ato de docente partilhado com alguém.

Inicialmente, a proposta de docência compartilhada surgiu em escolas em que havia alunos de inclusão, sendo necessário outro professor em sala de aula, para melhor atendimento. No contexto deste trabalho de conclusão, os princípios da docência compartilhada estão voltados às turmas de EJA atendidas pelo PIBID. Atualmente, na modalidade EJA, existem escolas que adotam esta proposta<sup>5</sup>, por “entender que os alunos vêm de classes econômicas, sociais, culturais, religiosas, étnicas, das mais variadas, e ainda, trazem experiências de vida diversas em muitos aspectos” (EUZÉBIO, FRANCESQUETT, MUTZ, 2013, p. 1). Esta proposta pode ser considerada de grande potencial, pois se compreende que uma turma nunca é homogênea. Cada estudante tem um ritmo de aprendizagem e suas especificidades, demandando diferentes intervenções e diversos momentos de atenção especial dos professores, o que se torna difícil quando só há um único docente em sala de aula.

Como afirmam Platone e Hardy (2004, p. 15-18 *apud* FERNANDES, TITTON, 2014, p. 2), “ninguém ensina sozinho”. Para Fernandes e Titton (2014,

---

<sup>5</sup> Na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, há escolas que adotam esta proposta na Educação de Jovens e Adultos.

p. 2) “o fato de não se ensinar sozinho não significa que o professor deva perder sua iniciativa e individualidade”, pois haverá momentos que, mesmo em DC, o professor terá que atuar sozinho, exercendo a iniciativa e individualidade próprias. Cada pessoa tem um jeito de agir, de pensar, de trabalhar e, ao partilhar a docência, as trocas são possibilitadas, tratando-se “de um constante aprendizado de ser/fazer docente, em que um aprende com o outro, construindo uma forma própria de atuar em sala de aula” (MONTEMEZZO, 2014, p. 14). Podemos também compreender que

O exercício da D.C. consiste em um permanente processo de desconstrução/reinvenção da identidade docente. A ação de compartilhar traz tensões para ambos os docentes, pois é a exposição mais íntima e detalhada de suas crenças pedagógicas, é o embate entre a proposta planejada para o aluno e a concretização da mesma “a dois”, assumindo riscos, realizações e fracassos no coletivo da turma e com cada aluno, individualmente. Nesse contexto, cada um dos professores passa a fazer a desconstrução do seu modo de ser docente para construir outro (TRAVERSINI *et al*, 2012, p. 295).

Um dos grandes potenciais da DC é em relação às intervenções e momentos de atenção especial individualizada. Com mais de um professor, há a oportunidade de pensar e propor intervenções mais ricas e aprimoradas, elaboradas em conjunto, visando uma melhor compreensão do educando. Além disto, há mais de uma maneira de expor e explicar o que está sendo dito. Se um educando não entender bem da forma como um dos professores falou, o outro pode conseguir se expressar de outra maneira que o educando consiga compreender. Montemezzo (2014, p. 9) descreveu esta experiência em seu trabalho de conclusão de curso:

[...] Compartilhar as tarefas facilitava os processos de aprendizagem [...], pois às vezes eu explicava alguma técnica, mas minha colega explicava novamente ou mostrava outra forma de chegar no mesmo resultado e era melhor compreendida.

Certamente, há mais de uma maneira de se expressar e esclarecer as dúvidas e questionamentos, havendo, assim, mais chances de compreensão. Cada um tem seu jeito de explicar, sendo mais fácil abranger a todos os estudantes, o que só tende a qualificar a aula e a aprendizagem.

Considerando que dois professores em sala de aula têm mais condições de atender às demandas dos alunos da classe de forma personalizada, sobretudo, no que se refere ao tempo. Enquanto um ensina, o outro atende às dificuldades individuais dos alunos e vice-versa; permite ainda oferecer aos discentes duas formas (estilos) de

interpretação do tema da aula que se somam (EUZÉBIO, FRANCESQUETT, MUTZ, 2013, p. 1).

Além disso, com mais de um professor em sala de aula, é possível que haja uma atenção especial aos educandos. Se os educandos estiverem fazendo uma atividade individual e houver algum deles com dificuldade na realização, um dos professores pode sentar ao seu lado e acompanhá-lo, enquanto o outro poderá conduzir a atividade. Se a turma é organizada em grupos para uma atividade, cada professor pode ficar responsável por auxiliar grupos diferentes. Machado (2013, p. 8) afirma que – quando experienciou a DC – conseguia “atender e auxiliar os/as estudantes de uma forma mais individual, de acordo com suas necessidades”.

Outro aspecto relevante (ou de relevância) da DC é o planejamento. “A docência compartilhada começa no planejamento, que necessariamente, também precisa ser realizado em conjunto” (EUZÉBIO, FRANCESQUETT, MUTZ, 2013, p. 1). Partilhar o planejamento não é uma divisão de tarefas, mas sim uma troca de ideias, executadas coletivamente. Consideramos que partilhar o planejamento o qualifica, pela possibilidade de ser elaborado em grupo. Ao pensar em atividades para um planejamento, um dos docentes sugere algo que o outro não havia pensado e, provavelmente, não o faria se estivesse sozinho. Além disso, a experiência de ambos também é significativa, pois se há uma sugestão que outro já realizou e não obteve êxito, na sua avaliação, podem pensar em outros meios para que alcancem os objetivos propostos.

A docência compartilhada permite mostrar aos alunos, na prática, que trabalhar em grupo é possível. As práticas solidárias e de trabalho em equipe são atividades realizadas em sala de aula que no pensamento dos discentes cabe apenas aos alunos, eles não visualizam os professores neste contexto. Porém, duas professoras em sala de aula demonstram que é possível trabalhar em grupo, compartilhando o tempo, as ideias, os estilos de ensino e ampliar os horizontes da aprendizagem (EUZÉBIO, FRANCESQUETT, MUTZ, 2013, p. 2-3).

## *2.2 O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)*

No caso do PIBID, Subprojeto Pedagogia, modalidade EJA<sup>6</sup> – abordado neste trabalho – há mais de duas pessoas na sala de aula. A proposta no

---

<sup>6</sup> O Subprojeto Pedagogia tem duas Modalidades: Anos Iniciais e EJA.

PIBID-EJA é de que cinco bolsistas<sup>7</sup> compartilhem a docência. O PIBID é um programa fomentado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior - e ocorre em diversas instituições de ensino superior no Brasil. De acordo com Uberti (2015)

O PIBID pode ser compreendido, entre outras formas, como um programa de formação e qualificação profissional, de valorização das Licenciaturas; um programa que insere o licenciando nas escolas de Educação Básica desde o início do curso e que incentiva sua permanência depois de formado; um programa que desenvolve ações didático-pedagógicas das mais diversas nas escolas e que, necessariamente, requer a tão almejada parceria entre universidade e escola. (p. 221)

No site oficial da CAPES consta que “o PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e valorização da formação de professores para a educação básica<sup>8</sup>”.

O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola. (Site da CAPES)

Na UFRGS, o PIBID é composto por diversos Subprojetos, do qual fazem parte estudantes de vários cursos de graduação (Pedagogia, Matemática, Artes, Dança, Química, História, Filosofia, entre outros), atuando em diversas escolas da rede pública estadual e em uma escola de Educação Básica da Rede Federal.

### *2.3 A docência compartilhada no PIBID-EJA*

Assim que soube que a proposta do PIBID-EJA era de docência compartilhada, fiquei muito interessada e resolvi me inscrever. Atualmente, no PIBID-EJA há dez bolsistas: cinco delas<sup>9</sup> atuam em uma escola da rede estadual de ensino, na cidade de Porto Alegre; as outras cinco realizam suas

---

7 Estudantes do Curso de Pedagogia.

8 <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>

9 No momento da escrita deste TCC, todas as pibidianas eram mulheres.

atividades como pibidianas<sup>10</sup> em uma escola da rede federal. Os educandos com quem atuamos eram, em sua maioria, trabalhadores entre 30 e 69 anos de idade e fazem parte dos Anos Iniciais, totalidades 1 e 2 da EJA.

Fiz parte do grupo que atuou na escola da rede federal. A maioria das colegas que partilhavam a docência comigo, eu não conhecia. A única conhecida estava no grupo da outra escola. No início, tive um pouco de preocupação, pois não conhecia ninguém, tinha receio que pudéssemos não nos dar bem e por eu nunca ter estado em uma sala de aula de EJA, de não saber direito o que e como fazer junto aos educandos. Minhas colegas, porém, me recepcionaram muito bem. Havia outra bolsista que também era nova no grupo, então ficamos bem próximas por dividirmos o mesmo nervosismo. Penso que, para partilhar a docência, todos os participantes devem querer isto, pois, assim, o trabalho realizado será qualificado, sendo possíveis as trocas, partilhas dos planejamentos, da sala de aula e de sentimentos.

É importante que os docentes que se propõem a compartilhar a docência acreditem na proposta, realizando-a com seriedade e de fato compartilhando todos os momentos e não somente o espaço da sala de aula. É necessário respeito e sintonia entre estes professores, pois se não, não ocorre o compartilhamento (MONTEMEZZO, 2014, p. 14).

O PIBID-EJA desenvolve atividades três vezes por semana. Segundas-feiras há a reunião de planejamento. Cada grupo se encontra em uma sala predeterminada na Faculdade de Educação da UFRGS e elaboram o planejamento em conjunto. Neste momento, há muita troca de ideias, de concepções, de saberes. Montemezzo ressalta que a DC depende dessa “oportunidade de dividir, repartir com os outros os conhecimentos numa troca mútua, onde uns aprendem com os outros” (2014, p. 19). A coordenadora de área – havendo dúvidas ou questionamentos – é solicitada para saná-los. Quando o planejamento está finalizado, ele é enviado por e-mail para a coordenadora da escola (no caso da escola da rede federal, a supervisora do PIBID é a professora da turma da EJA), que o responde com suas considerações e sugestões.

Às terças-feiras ocorre a reunião de estudos. Os dez bolsistas se reúnem com a coordenadora de área (professora da UFRGS) e fazem diversas

<sup>10</sup> Assim são nomeados os bolsistas do PIBID na UFRGS.

atividades: leem e estudam textos trazidos pela coordenadora, trazem dúvidas sobre o planejamento ou sobre acontecimentos que ocorreram nas escolas, assistem palestras sobre assuntos pertinentes ao trabalho (como Matemática na EJA ou questões de alfabetização), entre outros.

Nas quartas-feiras os grupos vão às escolas atuar em docência compartilhada. Lembro que nas duas primeiras aulas, eu e a outra bolsista, que também havia entrado recentemente no programa, ficamos mais quietas, ajudando, mas sem “tomar a frente”. Em seguida, eu já me sentia mais segura para falar à turma, mais à vontade com minhas colegas bolsistas e com os educandos.

A DC me ajudou muito nisso, em me sentir mais segura ao entrar em sala de aula. Este é um ponto relevante quando se fala em DC: a segurança de ter outra pessoa contigo em sala de aula. Deste jeito, é possível ter alguém (ou alguéms) que vão partilhar contigo as angústias, os nervosismos, os momentos de alegria, mas também os momentos onde há problemas e é necessário um improviso para fazer “dar certo” na hora da aula.

Além da troca de saberes estabelecida nos momentos de planejamento e com os estudantes, a partilha da docência é mais ampla, pois também são partilhadas as angústias, dúvidas, inseguranças e alegrias (MONTEMEZZO, 2014, p. 20).

Com o passar do tempo, fui ficando cada vez mais próxima de minhas colegas bolsistas. Tornamo-nos amigas que partilhavam das mesmas vontades, dos mesmos sentimentos, dos mesmos planejamentos, da mesma sala de aula e dos mesmos educandos. Várias vezes aconteceu de eu ter que ceder em alguma sugestão que fiz, pois minhas colegas não gostaram tanto, e aceitar a ideia delas. Ou mesmo de eu convencê-las de que uma proposta era válida e boa, e que daria certo em sala de aula e os educandos iriam gostar. Isso é parte de um importante amadurecimento, tanto pessoal quanto profissional. Este é um exercício difícil: abrir mão do que achas que é melhor, da tua ideia, para acatar a ideia do grupo. Muitos têm dificuldade em aceitar que, às vezes, os outros têm ideias e sugestões que são melhores que as nossas, mas isso não é um problema e, sim, uma forma de aprender trocando com o outro.

Conforme Moura,

[...] a ação docente compartilhada é complexa, pois atuam duas pessoas diferentes em seus modos de pensar e propor as ações pedagógicas na mesma sala de aula. São pessoas que se conhecem por trabalhar na mesma escola, mas no cotidiano da sala de aula é preciso “aparar arestas”, negociar posições sobre a própria docência. (2009, p. 23 apud ROSA, 2012, p. 25).

Acredito que somente assim, quando as negociações são feitas, quando há a aceitação do outro, quando há troca e partilha com o outro, é possível realizar um trabalho efetivamente de qualidade e com o compartilhamento da docência.

### 3 METODOLOGIA

Como já dito, o interesse em pesquisar a docência compartilhada surgiu, principalmente, a partir da minha experiência no PIBID-EJA. Houve outras experiências de DC que serviram para estimular, ainda mais, o interesse pelo tema desta pesquisa: a prática pedagógica do 6º semestre do curso de Pedagogia e o estágio curricular obrigatório do 7º semestre.

A partir da minha experiência com a docência compartilhada no PIBID EJA, em que pude vivenciar trocas, diálogos e alguns conflitos, questionei-me em relação às contribuições da DC no PIBID para a formação docente. Acredito na relevância desta pesquisa para o campo da educação, pois trata da prática pedagógica em um programa estruturante para os estudantes de Pedagogia, o qual permite o contato inicial com a profissão, o ganho de experiências e a possibilidade de compartilhamento da docência.

A partir das minhas hipóteses iniciais e da base teórica estudada para a compreensão da docência compartilhada e de alguns conceitos-chave deste trabalho foi elaborada a seguinte pergunta:

***De que forma a docência compartilhada contribui para a formação docente de estudantes de Pedagogia, a partir da experiência do PIBID-EJA?***

A partir desta questão, o objetivo geral deste trabalho foi: **analisar como a docência compartilhada contribui para a formação docente de estudantes de Pedagogia, a partir da experiência do PIBID EJA.**

Os objetivos específicos são:

- Dialogar com integrantes e egressos do PIBID-EJA a respeito de suas vivências com a docência compartilhada;
- Averiguar as contribuições da docência compartilhada no PIBID-EJA para a formação de docentes;
- Contribuir com reflexões sobre a experiência de docência compartilhada no PIBID.

Este trabalho apresenta uma pesquisa qualitativa que, segundo Gerhardt e Silveira, “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com

o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (2009, p. 31). Segundo as autoras, os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos pretendem investigar o porquê das coisas, expondo análises sobre os fenômenos. Logo, a pesquisa qualitativa preocupa-se com “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (2009, p. 32).

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 32).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pibidianas e ex-pibidianas. A entrevista é considerada como “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (LAKATOS, 1993, p. 195-196 *apud* SZYMANSKI, ALMEIDA, PRANDINI, 2002, p. 10). As entrevistas foram realizadas individualmente. Levei comigo as questões que eu gostaria de indagar, porém permiti que a entrevista se tornasse uma conversa, que foi fluído de acordo com os assuntos que emergiram.

Foram escolhidas quatro entrevistadas, duas bolsistas do PIBID-EJA e duas egressas. Ao longo deste texto, apresento a justificativa para estas escolhas. Os nomes das entrevistadas foram alterados para assegurar a privacidade de todas. As entrevistas ocorreram na Faculdade de Educação da UFRGS, pois todas as entrevistadas ainda estão cursando Pedagogia. Pude realizar duas das entrevistas ao ar livre, em bancos ao redor da FACED. Escolhi o ar livre como forma de deixar as entrevistadas mais à vontade.

As outras ocorreram em um corredor da FACED e em uma sala de aula, pois as entrevistadas sugeriram estes espaços. Foram escolhidos quatro tópicos para a realização das entrevistas:

Bloco 1 – Docência compartilhada: percepções

Bloco 2 – Planejamento

Bloco 3 – Educandos

Bloco 4 – Docência compartilhada: outras experiências

As entrevistas começaram com uma breve apresentação e conversa para informações básicas como: idade, quanto tempo participou do PIBID EJA, qual escola participou, entre outros. Entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) para que as entrevistadas lessem e assinassem e nele continha uma autorização para que a entrevista fosse gravada em áudio.

A primeira entrevistada foi Maria, de 21 anos, que é bolsista do PIBID EJA em uma escola da rede Federal de ensino, localizada em Porto Alegre. Ela é bolsista desde abril de 2016. Com ela, já partilhei a docência. Escolhi Maria por ela ser bastante falante, bem engajada e participativa e, também, por estar no 7º semestre do Curso. Pela significância da proposta, Maria escolheu realizar o estágio obrigatório, na EJA, em docência compartilhada. A entrevista com ela fluiu naturalmente. Foi bastante tranquila e ocorreu em forma de conversa entre duas colegas. Por estarmos na rua, em um momento da entrevista, um dos nossos alunos da EJA da Escola Federal – que trabalha na UFRGS – apareceu e começou a conversar conosco, tendo que pausar a entrevista por uns minutos.

A segunda entrevistada foi Daiane, de 26 anos, que é egressa do PIBID-EJA. Ela participou do PIBID-EJA de abril de 2014 a março de 2015, na mesma Escola Federal. Hoje, partilhamos uma disciplina do 8º semestre do curso, o que me fez ficar mais próxima dela. Percebi que ela se expressava bem, tinha uma linguagem mais formal e gostou de falar sobre sua experiência no PIBID-EJA. É importante destacar que a rigurosidade das entrevistas não foi perdida, mesmo sendo com colegas de curso e/ou amigas.

A terceira entrevistada foi a Eliana, de 24 anos, que atualmente é participante do PIBID-EJA em uma Escola Estadual de Porto Alegre. Ela está no PIBID EJA desde maio de 2015. Cursa o quinto semestre do curso de Pedagogia da UFRGS. Escolhi Eliana por ela estar em outra escola, diferente da que eu participei do Programa e por ela ser a pessoa que está há mais tempo no PIBID-EJA (do grupo da Escola Estadual), já tendo bastante experiência com a DC. A entrevista com ela foi diferente das outras. Em alguns momentos, ela falava coisas que eu não conseguia compreender direito, tendo que perguntar de outra forma, questionando para que ela me explicasse melhor.

A última entrevistada foi a Paola, de 24 anos. Ela é egressa do PIBID-EJA, da Escola Federal, a mesma mencionada pelas outras entrevistadas, e participou de março de 2014 a outubro de 2014. A escolhi por já a conhecer – foi minha colega em diversas disciplinas na faculdade e, atualmente, é minha colega nas disciplinas do 8º semestre do curso –, e saber que ela foi uma pessoa bastante comprometida quando participou do PIBID-EJA. A entrevista com ela também foi bastante tranquila, fluiu naturalmente, em forma de conversa. Ela se expressa muito bem e não teve receios em falar sobre sua experiência no PIBID EJA.

A seguir, apresento um quadro resumo sobre as entrevistadas:

Maria	Bolsista PIBID EJA em uma Escola Federal	21 anos	Está no PIBID EJA desde abril de 2016	Entrevista ocorreu em 17/05/2017
Daiane	Bolsista PIBID EJA em uma Escola Federal	26 anos	Ficou no PIBID EJA de abril de 2014 até março de 2015	Entrevista ocorreu em 25/05/2017
Elaine	Bolsista PIBID EJA em uma Escola Estadual	24 anos	Está no PIBID EJA desde maio de 2015	Entrevista ocorreu em 01/06/2017
Paola	Bolsista PIBID EJA em uma Escola Federal	24 anos	Ficou no PIBID EJA de março de 2014 até outubro de 2014	Entrevista ocorreu em 02/06/2017

Não tive nenhuma dificuldade na realização das entrevistas, tudo em geral ocorreu de modo muito tranquilo. Inicialmente, me senti como se estivesse “atrapalhando” as entrevistadas, principalmente na primeira entrevista – talvez por ser a primeira – e na entrevista com a Daiane, que disse que estava com pressa. Sugeri mudarmos a data, mas ela falou que só podia naquele dia. Conforme o andar das entrevistas, porém, este sentimento foi se anulando, pois fui vendo que as entrevistadas estavam gostando de falar sobre suas experiências, lembrando o que haviam vivenciado e fui ficando mais despreocupada em relação a isso.

Para análise, as entrevistas foram transcritas. Inicialmente, as escutei e, em uma tabela, separei o assunto de cada tempo, como exposto na tabela a seguir:

1) 00'00" até 00'33"	Conversa sobre dados pessoais da participação no PIBID EJA
2) 00'34" até 1'33"	Definição e percepções sobre a DC
3) 1'34" até 2'37"	Importância da DC no PIBID EJA
4) 2'38" até 3'26"	Dificuldades encontradas na DC a partir do PIBID EJA
5) 3'27" até 4'37"	Expectativas sobre a DC antes de vivenciá-la
6) 4'38" até 6'08"	Possibilidade e/ou diferencial da DC
7) 6'09" até 9'17"	Contribuição da DC para formação docente
8) 9'18" até 13'23"	Planejamento
9) 13'24" até 15'46"	Pontos positivos ou negativos da DC para os educandos
10) 15'47" até 18'07"	Outra oportunidade de compartilhar a docência

Esta tabela ajudou na organização e para que encontrasse as falas na gravação. Em seguida, fiz outra tabela, contendo: pergunta feita, o que disseram, o que me faz refletir (APÊNDICE B).

Ao utilizar trechos das entrevistas realizadas, as falas apresentadas estão com correções, para melhor entendimento do leitor, não havendo modificação no sentido. Quando uma palavra, termo ou frase foi retirada da fala, aparecerá o símbolo: [...]. Quando houver a colocação de uma palavra, ela será colocada entre colchetes [ ]. Para exemplificar, segue uma frase dita por uma das entrevistadas e, em seguida, sua modificação:

Então tem que ta tudo bem separadinho pro grupo ir conversando entre ele, porque se não dá briga né.
--

Então tem que [...] [estar] tudo bem separadinho [...] [para] [o] grupo ir conversando entre ele, porque se não dá briga [...].

## 4 ANÁLISES DOS DADOS

Neste capítulo, apresentarei os pontos relevantes, a partir das entrevistas realizadas com integrantes e egressas do PIBID-EJA. Para a análise das entrevistas, organizei por temas os dados obtidos, de acordo com o que foi dito pelas entrevistadas e com o que foi considerado pertinente para este trabalho. Dentre eles estão: Percepções sobre a docência compartilhada; (In)segurança na prática pedagógica; Planejamento compartilhado; Diálogo; Atenção especial aos educandos.

### 4.1 – Percepções sobre a Docência Compartilhada

#### 4.1.1 As trocas, a ajuda, a colaboração e o aprimoramento docente.

Logo no início da conversa, pergunto às entrevistadas o que pensam sobre a docência compartilhada vivenciada no PIBID-EJA e peço para que utilizem uma palavra ou termo para defini-la. Houve quatro diferentes definições para este termo. Maria ressaltou as *trocas* que acontecem entre as pessoas que compartilham a docência:

[...] [Para] mim, a palavra troca é o que define docência compartilhada, [pois] é uma troca de conhecimentos e concepções que [...] [nós] [bolsistas] [...] [temos] por educação (MARIA).

Este é um fator que ganha destaque ao falar de docência compartilhada, já que a DC permite que haja *troca* de conhecimentos, concepções – como salientado por Maria – ideias e experiências, havendo a possibilidade de se realizar um trabalho de maior qualidade.

Tem que ter *troca* teórica de tudo que a gente aprende aqui dentro [da faculdade] e também [...] [das] coisas que a gente aprende fora [da faculdade] (MARIA).

É importante, portanto, que a *troca teórica* aconteça, para que haja um melhor entendimento e comunicação entre os docentes que partilham a

docência. Para outra entrevistada, a palavra que ela escolheu para definir a DC foi “ajuda”.

*Ajuda*, porque a docência compartilhada permite a gente trocar muitas ideias [...], o que faz com que o nosso trabalho fique mais rico em sala de aula (DAIANE).

Podemos perceber aqui que, mesmo ela tendo escolhido outra palavra, a *troca* foi o que ganhou destaque, possibilitando o enriquecimento do trabalho em sala de aula. O termo *ajuda*, escolhido pela entrevistada Daiane, refere-se ao trabalho em sala de aula e ao planejamento que a docência compartilhada proporciona, por estabelecer *trocas* entre os educadores.

Já Paola disse que, para ela, a palavra *colaboração* é o que define a DC.

O trabalho em conjunto tem que ter o mínimo de [...] [colaboração], [...] as pessoas realmente tem que trabalhar juntas, não só estar juntas na sala, mas de fato pensar, se organizar e organizar a aula. Enfim, todo o dia a dia, a rotina e o próprio planejamento, tudo tem que ser junto, se não acaba sempre que alguém meio que fica de fora, ou acaba que uma pessoa dá a linha, dirige, e o resto fica indo atrás (PAOLA).

Portanto, compreende-se aqui a importância da *colaboração* entre os bolsistas para que a DC ocorra de modo apropriado e satisfatório. É esperado que, quando professores decidem compartilhar a docência, haja *colaboração* entre eles, de modo que o trabalho em conjunto seja realmente realizado e, não o domínio de um sobre os demais.

[...] então a colaboração tanto de todo mundo aceitar a participação dos outros, como também todo mundo se colocar como protagonista, não ficar alguém liderando e o resto indo de arrasto (PAOLA).

Outra entrevistada apontou a palavra *aprimoramento* para definir DC.

“Eu acho que a DC me aprimorou, tanto pessoalmente quanto profissionalmente” (ELIANA).

Em nosso diálogo, salientou que a DC a aprimorou pessoalmente em relação à argumentação, pois teve que melhorar seu “poder” argumentativo para “convencer” os colegas bolsistas quando queria apresentar alguma ideia. E profissionalmente, por ela se ver como capaz de lutar por uma ideia que teve que defende-la, melhorando sua autoconfiança como docente.

Podemos considerar que as *trocas* ocorrem, principalmente, no momento do planejamento. Penso que a palavra *troca* – no contexto deste trabalho – refere-se ao que ocorre entre as pessoas que compartilham a docência, podendo ser *troca teórica*, metodológica, de opiniões e ideias, de conhecimentos e de experiências.

Para Montemezzo (2014), a partilha “se trata da troca de saberes estabelecida na relação entre os(as) dois(duas) professores(as) que atuam em docência compartilhada” (p. 29). Ela considera o termo “partilha” para tratar das trocas, a qual nos referimos neste trabalho.

Gosto de trabalhar com a docência compartilhada, porque tu *troca*, aí é muito bom. As vezes tu [...] [está] assim “Bah, eu não sei o que fazer com aquela minha aula, com aquele meu aluno, com aquela minha turma” e aí a tua colega ou as tuas colegas, no caso do PIBID são várias, te possibilitam ver um outro olhar (DAIANE).

A troca entre quem compartilha a docência é crucial para desenvolver um bom trabalho. É ela que possibilita aprender com o outro, pois permite que haja intercâmbio de saberes e experiências. A partir disso, aprender com o outro se torna algo espontâneo e significativo. Assim como o dito popular: “sábio é quem aprende com a experiência dos outros”.

A troca “de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formado”. (NÓVOA, 1991, p. 71 *apud* MACHADO, 2013, p. 33).

Finalizando, podemos refletir sobre o depoimento de Paola:

Claro que a prática nos ensina muito, mas eu acho que a troca de ideias, e tu conhecer a experiência de outras pessoas, e compartilhar experiências, acho que isso enriquece muito mais (PAOLA).

A partir da *troca* de experiências e de saberes com outros, é possível ampliar o aprendizado, sentindo-se, assim, “no processo duplo de formador e formado, buscando sempre recriar-se” (MACHADO, 2013, p. 33).

#### 4.1.2. Desafios da docência compartilhada

Um aspecto importante a se considerar e que foi recorrente nas entrevistas realizadas, é em relação a compartilhar a docência com pessoas desconhecidas ou com as quais não se tem afinidade, ou ainda que têm pensamentos divergentes com modos de agir diferentes, sendo este considerado um dos desafios da DC.

[...] Tu te coloca no desafio de trabalhar com essas pessoas e fazer funcionar a docência com aquelas pessoas, acho que isso é o mais interessante, nos desacomoda, nos tira do lugar que a gente [...] [está] acostumado, do lugar que a gente já pensa, porque quando a gente trabalha sozinho, a gente faz aquilo que a gente acha que tem que ser feito e na docência compartilhada a gente depende das outras pessoas também (PAOLA).

Logo, aprender a lidar com os outros, a trabalhar com pessoas que pensam e agem de modos diferentes do teu é evidenciado como desafiador, porém, fundamental.

[O] [interessante] [é] aprender a trabalhar com as pessoas, porque são cinco pessoas, com cinco jeitos de dar aula, completamente diferentes, com cinco posicionamentos completamente diferentes e que tu [...] [tens] que fazer um planejamento e tu [...] [tens] que fazer uma atividade, e tu [...] [tens] que dar [...] aula em conjunto. Então, acho [...] [importante] aprender a lidar com o ser humano, nesse sentido de compartilhar [...] a docência. [...] Principalmente o

professor tem que aprender a trabalhar com o ser humano e a trabalhar com essas divergências e [...] [há] várias formas de lidar com essas divergências (ELIANA).

Para muitos, isso pode ser algo difícil de ser realizado. Há pessoas que não gostam de partilhar seus pensamentos, abrir mão de suas ideias, a fim de realizar um diálogo com alguém diferente e admitir que outras ideias podem ser mais adequadas no momento. Penso, porém, que isso é algo de grande aprendizado e amadurecimento, para o qual precisamos nos desafiar e nos permitir, aprendendo com o outro, com a experiência e com as outras maneiras de pensar.

“[...] Dificuldade de tu conseguir ceder em alguns momentos, porque tu [...] [tens] que ceder porque é um grupo, não é tu sozinha. E tu também [...] [tens] que convencer, às vezes, o teu grupo que determinada prática é melhor que outra, ou alguma atividade não [...] [está] boa [...], [ter] esse constante diálogo [...]. [E] que a gente também tem que sair do nosso lugar e tentar, por um lado, convencer as pessoas que [...] [estão] trabalhando com a gente daquilo que a gente acredita e ao mesmo tempo aprender a ceder, às vezes” (PAOLA).

Logo, a maior dificuldade encontrada, segundo as entrevistadas, é de, muitas vezes, ceder e abrir mão de uma ideia para “abraçar” o que o grupo pensa ser melhor. Mas, também, às vezes é preciso ter uma boa argumentação para defender uma ideia diante do grupo, na qual se acredita. São justamente esses dois vieses que muitos têm dificuldades e que as entrevistadas falaram que é algo sobre o qual se precisa atentar, pensando sempre no melhor para os educandos e para o coletivo.

Outro aspecto que as entrevistadas afirmaram sentirem dificuldade foi em relação à participação de todas no momento da prática, considerando o número de cinco bolsistas. Houve relatos sobre situações que ocorreram quando uma ou duas bolsistas não falavam durante a aula, ficavam quietas, deixando de participar dos momentos de diálogo e explicação. Isto fez com que as outras tomassem a frente e lidassem com isso.

Acho que sempre vai ter alguém que vai ficar falando mais [...], e eu acho que isso é uma coisa que tu tem que ter muito tato [...], por que ao mesmo tempo que a docência compartilhada tem que ser uma troca, [...] tu vê que, às vezes, a coisa [...] [está] [...] “going down the hill” sabe? Desabando. E aí a gente precisa segurar aquilo, só que a gente também não pode assumir a aula [sempre] sabe? (MARIA).

Maria se refere ao fato de ter tido uma colega que não estava participando ativamente das aulas. Ela estava na sala, porém ficava quieta, não falava, não se colocava como uma protagonista em sala de aula, fazendo com que suas colegas assumissem sem o seu apoio, sem sua participação, o que gerava desconforto no grupo. Esta colega também estava faltando às reuniões de planejamento, o que impedia a sua contribuição para o grupo.

Após isto ter acontecido durante três semanas, as bolsistas se reuniram e conversaram com a colega, afirmando que estavam sentindo falta de sua colaboração em sala de aula e nos planejamentos, que estavam tendo que assumir tudo, sem poder contar com ela. Este ocorrido gerou um descontentamento por parte da colega, o que a fez pedir transferência de grupo, mudando de escola. Em outro relato, pode-se perceber que outras situações semelhantes ocorreram.

[O PIBID] também separa [as pessoas]. Teve um episódio de uma briga que [...] nós [...] [tivemos] por causa da sala de aula mesmo, por que éramos em seis naquela época. Então, ficava só nas costas de [...] [algumas] [pessoas] dando aula. Então, chegou um ponto que [...] [...] [começamos] a cobrar dessas pessoas. – E aí Fulana, por que tu não faz, tu não interage com os alunos?. E isso ficou bem ruim no nosso grupo, [...] [nós] [...] [brigamos], [...] [choramos], deu umas complicações... (DAIANE).

Acredito que, se ocorrer de uma ou mais colegas não participarem das aulas, é necessário que um diálogo com essas colegas, no sentido de fazê-las perceberem a falta que estão fazendo, para que possam voltar a participar

ativamente de todas as atividades (seja em aula, seja no planejamento, seja na realização de materiais para as aulas). Se isto acontecer de forma explícita, somente com a intenção de melhorar a colaboração do grupo, não haveria motivos para a saída, mas sim poderia despertar o desejo de se tornarem mais participativas. Neste momento, cabe reconhecer a necessidade de mudança, que é parte do bom senso necessário à prática docente, como propôs Paulo Freire na Pedagogia da Autonomia.

Em cinco pessoas, um grupo grande, tu precisa ter muito cuidado para não ultrapassar barreiras, porque sempre, num grupo, vai ter um que fala mais e outro menos. [...] O complicado é [...] tu respeitar o tempo de cada colega, [então] eu acho que isso tem que [...] [estar] bem definido no grupo [...], - Essa aula eu vou falar isso, tu [...] [poderia] complementar com isso. Então tem que [...] [estar] tudo bem separadinho, pro grupo ir conversando entre ele, porque se não, dá briga (DAIANE).

Além disto, uma entrevistada revelou que, por vezes, o grupo pode se desorganizar, considerando o número de bolsistas.

São cinco pessoas que querem dar aula ao mesmo tempo. [...] [Então] ou fica aquele roteiro muito bem decorado, que eu acho que fica até meio chato, que fica “agora eu falo, agora tu fala, agora o fulano fala, agora é a parte do ciclano”, ou fica totalmente uma bagunça, porque todo mundo vai dar [aula] [sobre] a mesma coisa, mas todo mundo pensa coisas diferentes, e [...] [então] nós mesmas [...] [interrompemos] uma a outra (ELIANA).

Conforme Eliana comentou, isto acabava gerando conflitos em sala de aula, sendo um desafio organizar as intervenções quando há tantos docentes envolvidos.

[Às vezes] acabava ficando um pouco tumultuado [...], [...] porque uma pessoa falava uma coisa e outra pessoa vinha com uma outra ideia totalmente diferente. Eu acho que ficava um pouco confuso. [...] [Porém] eu acho que isso

[...] acontece porque quando a gente planeja, a gente planeja a atividade, e aí a gente coloca ali “tá a gente vai fazer tal coisa”, mas a metodologia, como que a gente vai fazer, cada uma pensa de um jeito [diferente]. [...] Cada uma tem uma ideia [diferente] daquilo que, na realidade, só vai acontecer quando for acontecer mesmo. [...] [Então] acaba ficando um pouco confuso [...], um pouco, as vezes, bagunçado, porque a gente também, uma crítica que eu faço a nós mesmas, a gente não esmiuça esse planejamento, [...] não coloca descrição das atividades, detalhadamente. Então a gente acaba chegando as vezes na escola e achando que vai fazer de um jeito, e a outra pessoa achando que vai fazer de outro, e aí na hora a gente fica tipo “ta e ai como a gente vai fazer?” (MARIA).

Penso que, para evitar que isto ocorra, deve-se fazer um planejamento bem detalhado, contendo o modo como a sala será organizada, como as atividades serão realizadas, os passos que deverão seguir. Além disto, para não ocorrer de uma colega não falar nada, ou de uma falar muito, deve-se ter previamente organizado, no planejamento, o que cada uma irá falar, não como um roteiro bem estruturado, mas apenas como uma base para o grupo, evitando, também, que haja confusão de uma interromper a outra, ou falarem sobre coisas totalmente diferentes.

#### 4.2 – *(In)segurança: encarando a sala de aula*

Algo que foi bastante relatado e que penso ser de grande importância ao falar da DC do PIBID, refere-se à (in)segurança ao entrar na sala de aula. Muitas vezes, o PIBID é o primeiro contato que os estudantes têm com uma sala de aula. E, a entrada pela primeira vez neste espaço, sempre gera muita insegurança. Quando há mais de um colega para partilhar esta etapa, é possível sentir-se mais seguro para “encarar” a sala de aula.

A gente [...] [está] a recém entrando na sala de aula pela primeira vez, normalmente, e acho que isso nos dá uma segurança, [...] [por] saber que vai ter alguém lá que a gente possa se apoiar. [...] Se [...] [der] tudo errado, a gente

se apoia, e acho que isso é muito importante pro exercício docente quando a gente entra pela primeira vez [em sala de aula] (MARIA).

Em minha experiência pessoal, eu já havia estado em sala de aula, pois já havia trabalhado em escola. Contudo, nunca havia trabalhado com a EJA e lembro que fiquei muito insegura por dar aula para pessoas mais velhas do que eu, com mais experiências de vida. Ao entrar em sala com minhas colegas, me senti muito mais segura, pois as teria ao meu lado.

A gente fica mais seguro [...] de encarar a sala de aula como uma experiência primeira assim [em DC], porque a gente tem uma parceria ali [...] junto com a gente. Então eu acho que eu olhava mais por esse lado [...], [...] [para] me dar segurança para [...] [estar] na sala de aula, que talvez sozinha eu teria me sentido mais insegura (PAOLA).

Quando eu [...] [soube] que era docência compartilhada, [...] achei bem bacana na verdade, por que até diminuiu o medo de entrar em sala de aula, por que tu vai [...] [estar] ali com um monte de gente [bolsistas]. Então não tem todo aquele foco de “Nossa, eu sozinho vou ter que lidar com toda a pressão da aula” (ELIANA).

Logo, a experiência de DC no PIBID-EJA gera mais segurança para os bolsistas, pela oportunidade de partilhar a docência com colegas. E mesmo que não seja a primeira experiência em sala de aula, toda a novidade é um pouco temida. Entrar em uma turma desconhecida para dar aula, em uma escola nova, também é provável que cause o sentimento de insegurança, o que, tendo colegas para compartilhar a docência, torna-se algo menos intimidante, fazendo com que os estudantes em formação se sintam mais confiantes neste início da trajetória como professores.

#### 4.3 – “Cinco cabeças pensam melhor que uma”: o planejamento

*A questão de que são várias cabeças pensantes, cinco cabeças pensam melhor que uma normalmente. Então esse é um diferencial, o fato de tu ter muito mais ideias. [...] (PAOLA).*

Sabendo que “o ato de compartilhar transcende a prática e envolve o planejamento” (MACHADO, 2013, p. 31), consideramos esta uma etapa relevante quando se fala em docência compartilhada. É neste momento que se organiza e elabora o que irá acontecer em sala de aula. Ele norteia a realização das atividades, evitando que ocorram aulas monótonas e desorganizadas. É preciso, porém, que seja flexível, pois se sabe que, em sala de aula, podem ocorrer diversos fatores que tornam necessários improvisos, alterações no planejamento e reorganização. Como afirmou a entrevistada Maria, “*a aula acontece só na aula, a gente pode planejar mas, enfim, na hora a gente [...] [pode] [ter] [que] [ir] mudando*”.

No PIBID, além de compartilhar a sala de aula, o planejamento também é compartilhado. Em minha experiência, vivenciei a relevância do planejamento compartilhado e, desde o meu ingresso no PIBID-EJA, tive experiências positivas ao realizar os planejamentos conjuntamente. São partilhadas muitas ideias novas, sugestões e pontos de vistas diferentes. Acredito que este seja um dos – vários – pontos positivos da DC, pois é possível trocar ideias, experiências e saberes, a fim de se elaborar um planejamento muito mais rico e eficaz.

Às vezes a gente acha [...] “Nossa, eu faço o melhor planejamento”, só que não. E [...] [então] tu [...] [tens] embates e [...] as pessoas trazem ideias maravilhosas que tu nunca [...] [iria] pensar [...], que são muito diferentes daquilo que tu normalmente trabalha. [...] [Então] as pessoas trazem ideias geniais que só acrescentam. Então, acho que isso é uma coisa muito positiva da DC, porque são várias cabeças pensando. [...] Vem ideias de tudo quanto é tipo de vivência, [...] então [...] fica uma coisa muito rica, muito diversa (MARIA).

Como se pode perceber no depoimento acima, ao conversar com os colegas, percebemos que há sugestões que não pensaríamos se estivéssemos sozinhos, que tendem a enriquecer o planejamento. No grupo que participei, havia uma colega que tinha ideias ótimas para atividades lúdicas. Outra, que sempre sugeria textos ótimos para serem trabalhados em aula. Outra, ainda, que por sua vivência com a música, sempre trazia canções relacionadas com o tema que estávamos trabalhando para serem escutadas e estudadas em aula. Então, o planejamento ficava bastante diversificado, com jogos, sistematizações de leituras, músicas e textos diferentes e interessantes, enriquecendo e qualificando as aulas do que poderia ser se uma única pessoa o tivesse elaborado.

A gente construía junto, a gente sentava junto e falava “[...] Essa semana a gente precisar trabalhar [com] matemática, [...] e como a gente vai fazer isso?”. Então cada uma dava ideias e nessas ideias a gente tentava agrupar o que cada uma fazia para poder fazer um planejamento que contemplasse os nossos objetivos dentro daquela aula. [...] A gente conversava muito. Não era assim: “Fulana vai fazer uma parte”. Não! Todas trabalhávamos juntas, construíamos juntas o planejamento (DAIANE).

Também cabe ressaltar o depoimento de Eliana. Além da possibilidade de diversificar o planejamento, ela comentou que tem várias ideias, porém na hora de descrevê-las, sente dificuldade. Afirma que, ao partilhar o planejamento com suas colegas, torna-se mais fácil esta elaboração, que pode contribuir para que vá aprimorando esta habilidade. Também relatou:

Eu acho bacana na realidade, [...] cada um tem uma ideia, geralmente se conversa, vê o que [...] dá [...] [para] fazer naquele dia. E o planejamento mais amplo, [...] [o] [...] [planejamento] semestral, [...] ele também fica mais fácil de fazer, porque são mais cabeças para pensar (ELIANA).

Pode-se perceber que três das quatro entrevistadas relatam que apreciam e aprovam o planejamento compartilhado, mesmo com os conflitos

que possam surgir. Elas revelaram que esta forma permite a troca de ideias e de experiências, o que facilita o cotidiano da prática e enriquece. A entrevistada Paola disse não se lembrar muito dos momentos de planejamento, confessando que não os aproveitou como poderia.

Em relação a como fazem para elaborar o planejamento, no que se baseiam, a maior parte afirmou que sempre partiam dos educandos, do interesse deles e do cotidiano dos mesmos.

A gente parte da realidade dos alunos. Então, no PIBID, a gente tem os primeiros dias do semestre que são para observar a turma, o que está sendo feito com a professora, como os alunos estão naquelas aulas, e [...] [então] a gente vai observando o que eles gostam, como a gente poderia trabalhar com eles [...] [para] que acrescentassem coisas [...] [para] eles, sem fugir da realidade. Então a gente trás essas questões e pensa atividades (MARIA).

Os alunos têm bastante influência [no planejamento], a gente pergunta [...] [para] eles os temas que eles gostariam de ver (ELIANA).

Destaco, aqui, a importância de se partir da realidade e do cotidiano dos educandos, valorizando seus conhecimentos prévios e sua cultura. Ao observar, questionar e ir atrás de aspectos do interesse deles, de sugestões deles e elaborar um planejamento abrangente, é bem provável que os educandos se interessem mais pelas aulas e se sintam contemplados, valorizados. É importante que eles se reconheçam como sujeitos de conhecimentos válidos e partir disto para preparar uma aula, é de grande importância.

Quando integrei o PIBID, em um dos planejamentos, preparamos uma aula de matemática, pois percebemos a necessidade dos educandos em acessar este conhecimento. Trouxemos encartes de supermercado e trabalhamos a matemática relacionada ao dinheiro e ao troco, algo que é do cotidiano deles, o que facilitou muito para a compreensão.

Já houve casos em que o planejamento conjunto não dar certo. Isso pode ocorrer quando as pessoas que o estão partilhando não têm as mesmas concepções de educação, o que pode gerar conflitos.

No momento do planejamento eu acho que é onde aparecem mais as divergências [...], porque [...] vai da própria forma como cada um enxerga [...] a docência. Então a pessoa vai ter uma sugestão e [...] eu acho que o que é difícil [...] é tentar dizer [...] [para] aquela pessoa que tu discorda dela sem levar isso pro pessoal, sem criar um caos, sem o grupo rachar, sem todo mundo se odiar, que é uma maturidade que a gente acaba desenvolvendo [...] com a própria experiência [...]. Mas o PIBID teve uma série de acontecimentos ao longo de sua existência que acho que muito vem da questão da divergência pedagógica, vamos chamar assim e que a gente não sabe sempre separar ou reconhecer ela como uma coisa que não é pessoal e [...] [então] acaba levando [...] [para] [o] lado pessoal. [...] [Então] claro, quando as relações [...] [estão] difíceis, a docência fica difícil. Quando o grupo não [...] [está] coeso, afinado, [...] fica difícil de manter o trabalho com qualidade (PAOLA).

Os elementos trazidos no depoimento de Paola são relevantes para este estudo, pois para partilhar a docência, é preciso que o diálogo ocorra. Sem ele, não é concebível o planejamento coletivo. Saber ouvir uma crítica, sem levar para o lado pessoal, pensando no que pode ser melhor para os educandos é primordial. Para exercer a prática pedagógica em DC, é necessário estar aberto a novas propostas, sugestões e alterações, com maturidade.

Já aconteceu de a gente partilhar de ideias muito diferentes, de alguém trazer uma concepção de Educação de Jovens e Adultos [...] que a gente não trabalha tanto na faculdade, que a gente não acredita. Ou não considerar a realidade dos alunos, porque a pessoa está em outro momento da faculdade e ainda não [...] [estudou] isso [...]. Então acho que as concepções de educação que a gente tem, às vezes, batem de frente (MARIA).

Vivenciei um momento em que houve certo conflito no grupo de Pibidianas, conforme o que foi mencionado por Maria. Lembro que havia uma colega que tinha propostas consideradas tradicionais pelo grupo. Certa vez, houve discussões sobre este fato, pois a colega sentiu-se menosprezada pelo grupo. Ao passar este momento, conseguimos sentar e conversar como um grupo e resolvermos nossas diferenças.

Com este relato quero dizer que é preciso pensar coletivamente, deixando de lado interesses exclusivamente pessoais e sabendo ouvir as críticas ou sugestões do grupo. É preciso certa maturidade, como relatou Paola, mas isto só se conquista com a experiência de partilhar.

#### *4.4 – Diálogo*

Para que as trocas e o compartilhamento ocorram, é importante que haja o diálogo. “A partilha e as trocas são estabelecidas pelo diálogo” (MONTEMEZZO, 2014, p.36). Para Zitkoski, “o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo” (2010, s/p).

O diálogo trata-se de um elemento essencial para que ocorra a partilha, ou ainda, diálogo é partilha. É por ele que cada um diz a sua palavra e as trocas são estabelecidas (MONTEMEZZO, 2014, p. 39).

Segundo Paulo Freire, o diálogo precisa ser horizontal, ou seja, sem “a imposição da palavra de uma pessoa sobre outra” (MONTEMEZZO, 2014, p. 39). Montemezzo (2014) trata deste termo conforme a visão de Freire, afirmando que “os sujeitos professores que compartilham a docência não compartilhariam se tivessem visões de mundo antagônicas, sob pena de o diálogo entre os dois jamais se estabelecer” (p. 20). De acordo com Freire (1995), entre os antagônicos o que há é conflito.

Na Pedagogia do Oprimido digo que o diálogo só se dá entre iguais e diferentes, nunca entre antagônicos. No máximo pode haver um pacto. Em determinado momento a classe dominada aceita um pacto com a dominante, mas passada a situação que gerou a necessidade do pacto o conflito se reacende. (FREIRE, GADOTTI e GUIMARÃES, 1995, p. 94).

“O diálogo deve existir, a fim de superar a verticalidade historicamente presente na educação bancária, segundo Freire (1996; 2005)”

(MONTEMEZZO, 2014, p. 40). A educação bancária que Freire relata refere-se à mera transmissão de conteúdos aos educandos, como se fossem os depositários de um saber que só o professor possui.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem paciente-mente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 1996, p. 57).

Logo, entende-se que as pessoas que têm pensamentos diferentes, por meio do diálogo, conseguem conversar e trocar, o que possibilita que a docência seja compartilhada.

O diálogo proporciona a construção ou reconstrução de conhecimento. A interação com diferentes [...] formas de pensar e agir possibilita que possamos refletir sobre nossos pensamentos/palavras e ações. A partir da socialização de diferentes práticas somos provocados a uma transformação. (SILVA, WERLE, s/d, p. 6).

Com pensamentos diferentes, é possível que haja um diálogo entre as pibidianas. A partir dele é possível mudar, transformar, entrar em consensos, elaborando um planejamento que vise uma prática emancipatória.

O diferencial é ter alguém que tem a mesma formação, que é teu colega e tu pode opinar e discutir sobre aquilo que [...] [está] sendo feito. Pra mim, do PIBID, [...] uma das coisas mais interessantes é isso. [...] Tu [...] [está] lá dentro e tu [...] [está] discutindo, [...] [está] partindo do mesmo ponto de partida, que é a FACED, que é o curso de Pedagogia e aí tu [...] [está] indo pra dentro da sala de aula, que é pra onde tu vai ser “jogado” depois que tu te formar e tu pode pensar sobre aquilo sabe, tu pode dialogar com isso e com teu colega (MARIA).

Maria comenta que, para ela, um diferencial da DC no PIBID é poder dialogar com alguém que está na mesma situação (mesmo curso, mesma faculdade) e que é teu colega de docência. Aqui, torna-se presente a questão do diálogo entre iguais que podem ter pensamentos diferentes, mas por

estarem no mesmo curso e terem as mesmas concepções de educação, desenvolvem um bom diálogo.

É possível um diálogo aberto entre as pibidianas, conforme Maria afirmou, que vise melhorar a prática docente em sala de aula, expressando o que ficou ruim, o que e como pode ser melhorado. Para isso, é necessário ouvir.

Ao ouvir o outro, não nos anulamos e nem mesmo nos tornamos concordantes totais daquela fala, pois o ouvir nos proporciona colocarmo-nos no lugar do outro, a partir do seu contexto e com isso, dialogar com as diferentes experiências. Assim, construindo de forma dialética, um novo ou enriquecido conhecimento. (SILVA, WERLE, s/d, p. 6).

Paola e Maria relataram que já ocorreu de, no momento de planejar, haver discussões, por encontrarem-se divergências entre as pessoas que compartilhavam a docência. Mesmo assim, o diálogo é viável aos que têm pensamentos diferentes, pois “se pensam em propostas diferentes, buscam fazer com que as ideias se unifiquem ou, diante das ideias, aprimoram a que definem como mais apropriada” (MONTEMEZZO, 2014, p. 40). Não foi o caso de haver pensamentos antagônicos, conforme relatado pelas entrevistadas, mas sim falta de amadurecimento para conseguir acolher a opinião dos outros e pensar no melhor para os educandos. Contudo, é só através do diálogo que se buscam as soluções e os momentos de embates foram importantes, para elaborar as ideias, superando as diferenças.

Para um trabalho conjunto, compartilhado, [...] é necessário que a visão de mundo e as concepções sobre a aprendizagem, por exemplo, não sejam antagônicas, pois desta forma não há diálogo, de acordo com Paulo Freire (2001), e não havendo diálogo, é inviável compartilhar a docência (MONTEMEZZO, 2014, p. 8).

#### *4.5 – Atenção especial: muito mais próximo do educando*

Este subcapítulo é voltado à atenção especial que ocorre em sala de aula com os educandos, no momento em que a docência é compartilhada. “A EJA é constituída por educandos jovens e adultos de diferentes idades que não tiveram acesso ou foram excluídos da escola” (MONTEMEZZO, 2014, p. 16). O PIBID-EJA atua em turmas de EJA de alfabetização, onde normalmente há poucos educandos, considerando a realidade das escolas. Além disto, os

educandos encontram-se em níveis bem diferentes, no que se refere à alfabetização, necessitando de intervenções diferenciadas.

Por serem cinco pibidianas e, ainda mais, por ter um número pequeno de educandos em sala, a atenção especial é algo que ganha destaque ao falar em DC. Desta forma, é possível que enquanto uma ou duas estão explicando, as outras possam acompanhar de perto os educandos, auxiliando nas atividades e tirando dúvidas. Nos momentos de realização de atividades, todas podem auxiliar os educandos, tirando suas dúvidas e contribuindo para que as aprendizagens ocorram.

Nos anos iniciais da EJA é muito legal a docência compartilhada, porque a gente [...] [está] na alfabetização, e aí a gente consegue intervir diretamente com o aluno, e a gente acaba meio que (ok, tem a questão do número [reduzido] de alunos), mas a gente consegue fazer essas intervenções do lado do aluno, então meio que dando uma aula particular (MARIA).

A alfabetização é uma fase muito importante na vida de uma pessoa, mas que gera muitas dúvidas e questionamentos. Por ter mais professoras em sala, é possível o educando receber uma atenção especial e individualizada, auxiliando no processo de aprendizagem. Muitos se sentem tímidos de expor suas dúvidas frente à turma e ao terem uma docente ao seu lado, para auxiliá-lo, sentem-se mais seguros e confiantes para questionar. E se vários precisarem de ajuda, há cinco docentes em sala de aula que poderão atendê-los melhor.

Porque se fosse uma pessoa só ia ter que se dividir em vários alunos né? E como nós somos várias, a gente pode focar nossa atenção em cada um, separadamente (MARIA).

Então a DC é significativa até em relação ao tempo, pois pode-se permanecer ao lado de um educando, auxiliando-o por um período maior, não tendo que se preocupar que há outros que também precisam de auxílio, pois há mais docentes em sala para acolhe-los. Se fosse apenas uma docente,

seria necessário auxiliar de modo apressado e, por consequência disto, podendo não ser uma ajuda tão eficaz.

Além disto, os momentos de intervenção junto aos educandos são muito mais ricos e qualificados, podendo ser pensados por cinco pessoas diferentes, como já mencionamos.

Enfim, a gente consegue ter uma atenção muito mais próxima do aluno (MARIA).

A gente conseguia dar uma atenção pra eles mais especial, mais individual (PAOLA).

Paola afirma que fica mais fácil “dar conta de tudo” que a sala de aula demanda, além de que o acompanhamento dos alunos torna-se muito mais eficaz. Ela afirmou, também, que com cinco docentes em sala de aula, fica muito mais difícil algo passar despercebido, pois é possível um melhor acompanhamento de todos de turma.

Quando a gente [...] [está] em cinco [educadores na sala de aula] nada passa despercebido, alguém vai perceber alguma coisa, alguém vai notar o que alguém escreveu ou o que aquele aluno comentou bem baixinho e uma de nós ouviu, ou o que eles estavam conversando entre eles, e aí tu sempre tem como estar de olho em todo mundo né, não no sentido de controlar, mas de acompanhar mesmo a aprendizagem, o grupo da conta muito mais do que uma pessoa sozinha de fazer isso. (PAOLA).

Eliana relatou que havia uma educanda que estava em um nível de alfabetização inicial e que sentia mais dificuldade na realização das atividades. Então, o grupo de pibidianas decidiu que uma bolsista ficasse ao lado dela, podendo acompanhá-la mais de perto, havendo uma atenção individualizada.

[...] [Para] nós [da] EJA, principalmente, é algo que melhora muito [...]. A gente agora até [...] [está] deixando, na [...] [escola], uma [pibidiana] do lado

basicamente o tempo todo [...] de uma aluna que [...] [está] pré-silábica, [...] [para] conseguir acompanhar bem direito, e a aluna [...] [está] adorando. Inclusive, esse contato de ficar ali só com ela e realmente ajudar a fazer todas as letras. [...] [Para] a EJA eu acho que, como tem vários níveis diferentes dentro de uma mesma turma, poder ficar duas professoras [...] [para] um lado, duas [...] [para] outro e uma [...] [para] outro ajuda bastante. (ELIANA).

Montemezzo afirma que “o atendimento individualizado é valorizado e avaliado pelos estudantes como um diferencial” (2014, p. 33) da docência compartilhada, de acordo com a pesquisa que realizou. Eliana também afirma, no trecho acima, que os educandos gostam deste atendimento especial e individual, como se pode perceber em seu relato.

A DC pode proporcionar um acolhimento à todos da turma, facilitando o apoio aos educandos, podendo haver momentos de atenção especial e individualizada, promovendo auxílio às dificuldades e dúvidas.

“É imprescindível destacar que uma dupla de educadores promove um melhor acolhimento dos educandos” (MONTEMEZZO, 2014, p. 20). A autora se refere à dupla de educadores por, em seu trabalho, ter compartilhado a docência com apenas uma colega. No caso do PIBID-EJA, em que a docência é partilhada por cinco pessoas, o acolhimento de todos da turma é ainda mais facilitado. Estas questões levam a refletir sobre a relevância da DC na Educação de Jovens e Adultos e as diversas oportunidades de aprendizagem proporcionadas aos docentes em formação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo e da pesquisa realizados, constatamos que há contribuições da DC para a formação dos estudantes de pedagogia que atuam no PIBID-EJA, de acordo com os objetivos do Programa. As entrevistadas destacaram as trocas que ocorrem entre os colegas que compartilham a docência, como relevante, podendo ser: a troca teórica, de saberes e conhecimentos, de opiniões e de experiências. Consideraram, também, importante estar aberto para estas oportunidades de trocas, realizando um diálogo horizontal entre os todos. O diálogo é visto como elemento da prática pedagógica, não só pra resolver embates, mas pra compartilhar experiências e aprendizagens.

Além disso, ressaltaram também a ajuda, a colaboração entre os colegas para o trabalho conjunto, a possibilidade de aprimoramento pessoal e profissional e o fato de não estarem sozinhas, superando a insegurança de estar na sala de aula. A timidez ou a primeira vez na docência, não significou desistência, considerando que o grupo se organiza e se fortalece. A DC, portanto, contribui nesse fortalecimento das pibidianas e para sua autonomia, uma perspectiva diferente do que normalmente ocorre nas escolas, em que os professores encontram-se sozinhos em suas angústias, muitas vezes. É outra concepção, em que o momento, as práticas e os planejamentos são compartilhados, sem a perda da individualidade. Sendo assim, não é apenas a docência que é compartilhada, como também o planejamento, as ansiedades, (in)seguranças, momentos de conquistas e alegrias, tornando-se uma relação amigável entre aqueles que compartilham a docência, sabendo que um pode contar com o outro. Um ponto que considero relevante e que uma das entrevistadas comentou, foi em relação à amizade que é construída com as colegas bolsistas que compartilham a docência.

O bom nesse mesmo grupo que a gente formou no início [foi] [que] nós viramos melhores amigas, até hoje [...], então foi o PIBID que... por mais que eu olhasse aquela minha colega e dissesse “Ai que ódio aquela guria [...] [está] aqui e vai fazer parte do meu grupo”, [...] no fim tu conhece a pessoa, troca

experiência com ela e [acaba] [...] [virando] amiga [...], e isso foi muito bom do PIBID [...], une! (DAIANE).

Nos dois anos em que estive no PIBID, fiz diversas amizades. Ao trocar com elas, ao partilhar a docência, mas também as angústias, inseguranças e as conquistas, ao ver que eu tinha, nelas, um apoio, fui me tornando cada vez mais próxima e uma amizade foi gerada, além de contribuir com a minha autonomia docente.

Mesmo com o número reduzido de estudantes, as características da turma, por vezes, requerem um atendimento especializado e individualizado para os educandos, que são pessoas com níveis diferentes de aprendizagem, com autoestima em relação a aprendizagem muito prejudicada. Por isso, também justifica-se a DC neste contexto.

Contudo, o grupo de bolsistas pibidianas precisa se organizar, a fim de que, por exemplo, não fiquem duas trabalhando e as outras “indo de arrasto”, como descreveu Paola durante a entrevista. É fundamental uma organização que permita que, enquanto parte do grupo intervém, outra parte fica acompanhando os educandos. Esse é um dos desafios da DC. Quando se está na DC não é para que algumas fiquem à frente e as outras sejam secundárias, mas todas precisam participar igualmente. Também não é para dividir tarefas, mas sim para partilhar todos os momentos. Fazer de maneira compartilhada tem o objetivo de contribuir para que se enxergue a docência de outra maneira.

No PIBID pedagogia, a docência é compartilhada como proposta político-pedagógica, baseada em princípios da Educação Popular. São cinco pibidianos na escola, atuando juntos, superando a ideia de que cada um faz uma coisa diferente, a “sua parte”. No caso do PIBID-EJA, há desafios em relação a isso, mas nada que desabone a proposta. No PIBID-EJA é discutida e efetivada essa outra lógica para a docência, e os desafios são discutidos no grupo.

O ensino é horizontal, não é focado em uma única pessoa e nem só uma ideia que aparece. Não é uma educação feita entre antagônicos, mas entre diferentes. Precisamos respeitar as diferenças, discutir, argumentar e problematizar a docência compartilhada.

Compartilhar a docência não é algo fácil, demanda muito empenho,

colaboração, diálogo entre os colegas e, o mais importante, todos os envolvidos precisam querer e estar dispostos. A DC “não pode ser “romantizada” e nem tomada como alternativa que facilite a vida dos docentes, pois não é um trabalho fácil e não demanda apenas de afinidade com o colega do trabalho” (MONTEMEZZO, 2014, p. 49). É preciso ter maturidade para ouvir o outro, acolher as opiniões, refletir em conjunto sobre a prática para pensar em propostas mais eficazes para a aprendizagem dos educandos.

Além disso, há mais contribuições da DC, tais como: melhor acolhimento aos educandos da turma; condições para atender melhor os educandos, com momentos de atenção especial e individualizada; oportunidade de elaboração de planejamentos mais qualificados; oportunidade de aprender com as experiências dos outros; além da possibilidade de haver outros olhares sobre a prática, podendo refletir e pensar em mudanças.

Em um momento da entrevista, eu questionei o que as entrevistadas tinham a dizer sobre o diferencial da DC, e um ponto bastante importante foi elencado, inspirando, inclusive, o título deste trabalho de conclusão: ter outros pontos de vista sobre o que está acontecendo, pois há várias cabeças pensantes. Paola nos explica:

O fato de tu ter muito mais ideias. A troca de ideias é muito mais significativa assim [entre 5 pessoas] do que tu ter a tua própria docência [...], até [...] [para] depois conseguir pensar sobre a prática [...]. [Ter] aquele retorno de “como foi ontem, o que aconteceu, foi bom ou foi ruim o nosso projeto”, a própria avaliação. Então tu também consegue ver outros pontos de vista que não só o teu, não só tua leitura sobre a prática. (PAOLA).

Através da pesquisa efetuada, é possível responder à questão central do trabalho de como a DC contribui para a formação docente. Uma das contribuições ressaltadas nas entrevistas feitas foi de aprender a lidar com os outros. O outro nunca é igual a nós, pensa e age de formas diferentes das nossas. Aprender a lidar com isso torna-se fundamental. Seremos professores, que precisam saber lidar com os diferentes jeitos dos educandos. Então, considero este ponto de grande importância para a formação docente. Conforme uma das entrevistadas, “principalmente o professor tem que aprender a trabalhar com o ser humano, e a trabalhar com essas divergências, e as várias formas de lidar com essas divergências” (ELIANA).

Outra importante contribuição é em relação aos outros olhares sobre a prática. A DC permite isso, que as pessoas que compartilham a docência opinem e façam leituras sobre o que está sendo feito, podendo assim ter outros pontos de vista.

A partir da experiência da DC, é possível poder refletir sobre a prática, aprimorando-a, buscando opiniões sobre os ocorridos, conversando para tentar entender o cotidiano da escola. Assim como declarou Paola, “a docência, apesar de ela ser individual [cada um constrói a sua], ela não pode ser solitária, [...] a gente precisa ter essa rede [...] de apoio”. Ela afirmou que, atualmente, na docência “solitária” (como dito por ela), ela sempre busca se distanciar do seu olhar, e tentar perceber sua prática com outro olhar, para tentar buscar outra visão sobre aquilo. Por a DC ter sido sua primeira experiência com a docência, e por ter se acostumado, ela relata que está sempre indo atrás de trocas com outros, tanto para compartilhar atividades legais, quanto para receber opiniões e sugestões para atividades que não funcionaram, como também para ter outros pontos de vista em relação à sua prática. Tudo isso graças à sua experiência de docência compartilhada no PIBID-EJA.

Tendo a experiência da docência compartilhada e hoje eu olho pra minha prática e eu penso “tá vou tentar olhar pra ela com outros olhos que não só os meus, me distanciar desse planejamento, ou dessa turma, ou desse momento, e tentar olhar com olhos de outras pessoas”. [...] Talvez por ter me acostumado com a ideia da DC, o tempo todo eu [...] [estou] conversando com as pessoas [...], “ai fiz o planejamento, olha só o que tu acha disso, fiz isso, não deu certo, o que eu faço?”, trocar ideias (PAOLA).

Conforme Montemezzo (2014, p. 22),

[... ] na docência compartilhada é possível ter mais um espaço de aprendizagens e conhecimentos, além daquele que é proporcionado no convívio com os estudantes: o olhar do outro que partilha a docência comigo.

Portanto, a aprendizagem é possibilitada ao contar com outros pontos de vista, outros olhares sobre o que está acontecendo, pois aprendo com o outro, com as diferentes opiniões dos outros, sendo possível, assim, descobrir e perceber outros modos de realizar o que eu estava fazendo.

Sendo assim, há a possibilidade de refletir em conjunto sobre a prática, buscando caminhos mais eficientes para a realização de atividades e para atingir os objetivos propostos, e uma maior eficácia na aquisição de conhecimentos dos educandos. Como Paola afirmou, “cinco cabeças pensam melhor que uma”, sendo possível pensar em meios mais eficazes para a aprendizagem dos educandos.

Concluo meu trabalho afirmando que é possível perceber as inúmeras contribuições da DC para a formação docente de estudantes da Pedagogia, a partir da experiência do PIBID-EJA. Como dito antes, não é um trabalho fácil, tem seus desafios, porém são diversas as possibilidades para a docência. Desejo que esta pesquisa sirva também para pensar nas possibilidades para além do PIBID, para as salas de aula da EJA, que demandam momentos de atenção especial e individual, planejamentos ricos e de qualidade, assim como as outras questões elencadas a cima.

## REFERÊNCIAS

COSTELLA, Roselane Zordan. HOFSTAETTER, Andrea. STURM, Ingrid Nancy. UBERTI, Luciane. **Iniciação à docência: reflexões interdisciplinares**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

EUZÉBIO, Sandra Maria Silva. FRANCESQUETT, Diulia Marina. MUTZ, Andressa Silva da Costa. **Prática de docência compartilhada: uma experiência no terceiro ano do Ensino Fundamental**. In: IX Salão de Ensino UFRGS, 2013, Porto Alegre.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996

FERNANDES, Denise Armani Nery. TITTON, Maria Beatriz Paupério. **Docência Compartilhada: o desafio de compartilhar**. Porto Alegre. Uniritter, 2008. Disponível em < <http://rc-sp.forums-free.com/docencia-compartilhada-o-desafio-de-compartilhar-t11.html>>

GADOTTI, Moacir. FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MACHADO, Tainara Fernandes. **Docência compartilhada no estágio obrigatório na EJA: possibilidades e desafios na formação do/a professor/a**. . (Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia)

– Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MONTEMEZZO, Elaine Luiza Foss. **Docência compartilhada nas totalidades iniciais da EJA: um olhar sob a perspectiva da Educação Popular.** . (Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ROSA, Kelly Rodrigues da. **Docência(s) Compartilhada(s): como pensar a docência compartilhada na Educação Infantil.** (Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Daiana Paz de Oliveira. WERLE, Marta Patrícia Beck. **Diálogo e escuta: a pedagogia de Paulo Freire para a educação da infância.** Artigo. Ano não encontrado. Disponível em: [https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/silva\\_werle.pdf](https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/silva_werle.pdf)

SZYMANSKI, Heloísa. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília: Plano Editora, 2002. 87 p. (Série Pesquisa em Educação, 4).

TRAVERSINI, Clarice Salete. FREITAS, Juliana V. **O desafio de exercer a docência e constituir-se como aluno no projeto docência compartilhada.** In: XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TRAVESSINI, Clarice Salete. XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas. RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. DALLA ZEN, Maria Isabel Habkcost. SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. **Processos de inclusão e docência**

**compartilhada no III ciclo.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v28. N2, p. 285-308, Junho 2012.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/dialogicidade. In: STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos o/a Sr(a) \_\_\_\_\_,

RG: \_\_\_\_\_, para participar do Trabalho de Conclusão de Curso **da estudante Isabela dos Reis Moraes, RG: 1104395941**, sob a orientação da professora Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera, a qual pretende discutir a docência compartilhada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na sua interface com a Educação de Jovens e Adultos. Sua participação é voluntária e se dará por meio de conceder uma entrevista que será gravada em áudio. Se você aceitar participar, estará contribuindo para as problematizações que realizamos sobre o PIBID e a Educação de Jovens e Adultos. Se depois de consentir em sua participação o/a Senhor/a desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O/A Sra. não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o/a Sra. poderá entrar em contato pelo telefone (51) 33084130.

### ***Consentimento Pós-Informação***

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado/a sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei qualquer compensação e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do participante

Assinatura do Estudante-Pesquisador

Assinatura da Orientadora

## APÊNDICE B – Tabela com as transcrições de uma das entrevistas

## Entrevista com Paola em 02/06/2017

Pergunta/ Tópico	O que disseram? O que observei?	O que me faz refletir?
Definição e percepções sobre a DC	“Colaboração, porque enfim o trabalho em conjunto tem que ter o mínimo de né, assim as pessoas realmente tem que trabalhar juntas, não só estar juntas na sala, mas de fato pensar, se organizar e organizar a aula, enfim, todo o dia a dia, a rotina e o próprio planejamento, tudo tem que ser junto, se não acaba sempre que alguém meio que fica de fora, ou acaba que uma pessoa da a linha, dirige, e o resto fica indo atrás, né então a colaboração tanto de todo mundo aceitar a participação dos outros, como também todo mundo se colocar como protagonista, não ficar alguém liderando e o resto indo de arrasto”	Colaboração entre os colegas. Trabalho conjunto.
Importante e interessante da DC do PIBID EJA	“O interessante da DC, no caso do PIBID né, que a gente não escolhe com quem vai trabalhar, então acho que o mais interessante é isso: trabalhar com pessoas que são bem diferentes, que é diferente do estágio que tu escolhe um dupla e fazer o estágio com quem tu tem afinidade. Às vezes tu trabalha com pessoas que tu não tem afinidade, nem pessoal, nem pedagógica, digamos assim, e aí tu te coloca no desafio de trabalhar com essas pessoas e fazer funcionar a docência com aquelas pessoas, acho que isso é o mais interessante, nos desacomoda, nos tira do lugar que a gente ta acostumado, do lugar que a gente já pensa, porque quando a gente trabalha sozinho a gente faz aquilo que a gente acha que tem que ser feito e na DC a gente depende das outras pessoas também né, então tem que ter paciência e fé (risos)”.	Trabalhar e lidar com pessoas diferentes de ti, que tu (muitas vezes) nem conhece. Desafio de fazer “dar certo”/“funcionar” a docência
Complicações ou dificuldades da DC	“Acho que também é nesse sentido, dificuldade de tu conseguir ceder em alguns momentos, pq tu tem que ceder pq é um grupo, não é tu sozinha, e tu também tem que convencer as vezes o teu grupo que determinada prática é melhor que outra, ou alguma atividade não tá boa, né, esse constante diálogo assim, que a gente também tem que sair do nosso lugar e tentar por um lado, convencer as pessoas que tão trabalhando com a gente daquilo que a gente acredita, e ao mesmo tempo aprender a ceder as vezes né, e se o grupo prefere de um jeito, bom paciência, tem que acatar também pq né”.	Ceder as vezes. Convencer os outros. Diálogo.
Medos, expectativas e aspirações antes de experienciar a DC	“Eu acho que eu nem tinha pensado muito sobre isso na verdade, eu tava no terceiro semestre eu acho, não tinha tido ainda nenhuma prática individual e nem compartilhada, não tinha experimentado ainda o lugar da professora né, então foi uma novidade assim que eu conheci a DC antes de conhecer a docência solitária, sozinha né (risos), então foi bom, porque também a gente fica mais seguro né de encarar a sala de aula como uma experiência primeira assim, porque a gente tem uma parceria ali né junto com a gente, então eu acho que eu olhava mais por esse lado assim, pra me dar segurança pra tar na sala de aula, que talvez sozinha eu teria me sentido mais insegura né”.	Segurança ao entrar pela primeira vez em sala de aula.

<p>Possibilidades e diferenciais da DC que experienciou com o PIBID EJA</p>	<p>“Bom, primeiro a questão de que são várias cabeças pensantes, 5 cabeças pensam melhor que uma, normalmente, então esse é um diferencial, o fato de tu ter muito mais ideias, a troca de ideias é muito mais significativa assim do que tu ter a tua própria docência né, tua própria aula assim, então né esse é um fator, até pra depois conseguir pensar sobre a prática né, aquele retorno assim “Ai como foi ontem, que aconteceu, foi bom ou foi ruim o nosso projeto né, a própria avaliação”, então tu também consegue ver outros pontos de vista que não só o teu, não só tua leitura sobre a prática, e aí ao mesmo tempo também a frustração de se deparar com isso, tu acha que foi maravilhoso, tá super feliz e a pessoa diz tipo “Não, ficou bem ruim, não tá legal, não tá funcionando”, então são vários pontos de vista sobre uma mesma situação, tanto dai pra pensar a aula, como pra refletir sobre ela depois. Possibilidade de trocar ideias e fazer outras leituras que não só a tua leitura né, conhecer outros pontos de vista das pessoas sobre aquilo que tá acontecendo”.</p>	<p>“São várias cabeças pensantes”. Troca de ideias. Outros pontos de vista. “Vários pontos de vista sobre uma mesma situação”.</p>
<p>Contribuição da DC para a formação docente</p>	<p>“A paciência, talvez (risos). É assim, também tu, acho que por um lado, agora pensando no meu estágio (fiz estágio sozinha nos anos iniciais de EF), então eu comparo um pouco assim, claro o contexto era diferente, mas foi minha experiência de docência sozinha né, e, pois é, agora pensando... porque a diferença é isso né, porque quando a gente tá planejando sozinha a gente fica muito também, bom a gente acha que vai funcionar de um jeito, a gente acha que isso aqui vai funcionar, e aí a prática nos ensina que não vai funcionar, né, na DC também não é muito diferente, a prática nos ensina muita coisa, mas as vezes outras pessoas têm outras experiências e aí já vão tentar adiantar alguma coisa né, que não, isso aqui talvez pode ser que não funcione.. Quando a gente tá sozinha, a gente tem que viver, tem que experimentar, pra depois descobrir que pode ser que dê errado, que a gente nem lida com a possibilidade de que talvez aquilo possa ficar ruim, e na DC, quando tu tem né, no caso do pibid que são 5 pessoas, são 5 pessoas com experiências completamente diferentes, algumas com anos de sala de aula, algumas no final do curso, outras no começo, então também da gente conseguir ter essa... talvez de antecipar algumas coisas que possam vir a acontecer, e a própria experiência de cada um contribuir, porque no caso quando a gente tá sozinha, a nossa própria experiência que nos diz o que a gente vai fazer, que acaba nos levando a assumir determinadas posturas assim, e na DC, apesar de ser esse desafio, acho que a principal coisa assim que eu levo né, da gente então, tendo a experiência da DC e hoje eu olho pra minha prática e eu penso tá vou tentar olhar pra ela com outros olhos que não só os meus, me distanciar desse planejamento, ou dessa turma, ou desse momento, e tentar olhar com olhos de outras pessoas, se tivesse alguém do meu lado me dizendo, ou conversando sobre isso com alguém, e de fato assim, ao longo do meu estágio pelo menos, talvez por ter me acostumado com a ideia da DC, o tempo todo eu to conversando com as pessoas né, “ai fiz o planejamento, olha só o que tu acha disso, fiz isso, não deu certo, o que eu faço?””, trocar ideias, porque eu acho que a docência, apesar de ela ser individual, ela não pode ser solitária, né, a gente precisa ter essa rede assim de apoio, mesmo que sejam colegas que tão em outro momento da</p>	<p>Paciência.</p> <p>Vivências e experiências dos colegas bolsistas.</p> <p>Distanciamento do planejamento e da prática para ver com outros olhos, fazer outra leitura.</p> <p>Troca de ideias, compartilhar experiências.</p>

	<p>vida, que a gente consiga trocar ideias assim, porque, claro que a prática nos ensina muito, mas eu acho que a troca de ideias, e tu conhecer a experiência de outras pessoas, e compartilhar experiências, acho que isso enriquece muito mais”.</p>	
<p>Pontos positivos e/ou negativos da DC em relação aos educandos</p>	<p>“Eram muito poucos alunos né, então normalmente tinha mais nós do que eles, mais professora do que aluno, que é uma realidade da eja eu acho, em muitas escolas né, deve acontecer em outros lugares também, mas aí eu acho que a questão da atenção mais individual assim, que tu consegue acompanhar todos eles né, se forem 5, se forem 10, se forem 15 ainda é um número bom né. Bom tu tem 5 pessoas (professoras), não é igual a sala de aula que tu tá sozinha com 20, 30 crianças ou adultos né, e que aí a gente tem que tentar dar conta de tudo, e muita coisa acaba passando despercebida, quando a gente tá em 5 nada passa despercebido, alguém vai perceber alguma coisa, alguém vai notar o que alguém escreveu ou o que aquele aluno comentou bem baixinho e uma de nós ouviu, ou o que eles tavam conversando entre eles, e aí tu sempre tem como estar de olho em todo mundo né, não no sentido de controlar, mas de acompanhar mesmo a aprendizagem, o grupo da conta muito mais do que uma pessoa sozinha de fazer isso”. Ponto positivo: “Que a gente conseguia dar uma atenção pra eles mais especial, mais individual, e acho que isso seria bom, mas ao mesmo tempo eu penso que o lado ruim, talvez, pra eles seria o próprio constrangimento de ter 5 professoras, né que as vezes o lugar do professor como aquela figura né, o professor lá e tal, ter 5 talvez seja um pouco assustador assim pros alunos né, imagino agora, não sei, to pensando agora. Mas ao mesmo tempo é isso também, conforme tu vai criando uma relação com eles, acho que isso vai ajudando, e aí eles também vão criando meio que preferências, gostam mais de uma, né criam mais afinidade com uma ou outra, então também tu não ter chance de ter um aluno que não gosta, por exemplo, da aula, né, tem menos chances de isso acontecer na verdade, porque ele cria mais afinidade, algum vínculo com pelo menos uma das professoras, todos eles acabam criando, é bom que criem”.</p>	<p>Atenção individual. Atenção especial. Acompanhar o aluno. Percepção como forma de acompanhamento dos alunos Constrangimento por haver 5 professoras</p> <p>Preferências/vínculos/afinidade.</p> <p>Mais difícil dos alunos não gostarem.</p>
<p>Em outra oportunidade, compartilhar a docência?</p>	<p>“Ai eu compartilharia! Eu fiz uma prática compartilhada num 4º ano dos anos iniciais e eu fiz compartilhada com um colega que tava fazendo mobilidade, então eu também não conhecia ele, então né a gente acabou meio que indo juntos assim, e foi uma boa experiência assim de fato, também por tudo isso que eu falei né, de trocar ideias, trazer experiência de outros lugares, outras coisas que tu fez, e depois tu conseguir olhar pro que tu fez né junto com outra pessoa que também tava lá, que também viveu aquele momento, que também tem impressões sobre aquilo... eu acho que seria legal a gente ter outra experiência assim de DC, eu acho que na verdade talvez as escolas deveriam assumir pra si a DC, né ainda mais com o tanto de alunos que a gente tem nas escolas assim, porque tanto facilita pro professor num aspecto né que é ter outra pessoa ali te acompanhando, fazendo as coisas contigo, né apesar da dificuldade que as vezes é de tu dividir a docência com outra pessoa, dividir a sala de aula né, e aí bom tu tem um jeito de falar, a pessoa tem outro, e aí acaba né, mas eu faria, se tivesse assim... e aí faria talvez, e o que eu acho um pouco</p>	

	<p>ruim do pibid assim, que um dia né, é pouco, é uma experiência mas não é uma experiência de sala de aula, não de cotidiano de sala de aula, eu gostaria de ter experiência de dc no cotidiano, e isso o estágio da EJA deixa fazer né, os outros não, que deve ser legal, deve ser mais interessante assim, porque tanto a prática quanto o PIBID tu acaba sendo um momento né que tu ta ali, não é o dia a dia, e planejar várias vezes, e fazer, e tentar de outro jeito, e ta na aula, e lidar com situações complicadas, né, deve ser muito bom, tipo na “vida real” assim da docência, nas escolas, deve ser bom ter uma parceria assim”.</p>	
--	---	--